

**Resumo:** *Vivemos num mundo em evolução. Cientificamente observamos que, na evolução da vida e do homem, existem convergências para atratores. Dois atratores fundamentais guiam a evolução da mente humana para, matematicamente, um infinito Absoluto (Deus, para nós), que por indução permite que toda informação evolutiva adquira uma hierarquia superior: para ser um infinito relativo, a autorreflexão (imagem e semelhança), que pode conhecer sua identidade e sua circunstância. Puxado por interesses imediatos, o homem, culturalmente mais evoluído, perde contato com Deus e somente volta a encontrá-lo com Abraão para constituir com David um grande reino monoteísta, entre povos politeístas. A David foi prometido que de sua descendência surgiria o Messias que estabelecerá o Reinado definitivo de Deus. O Filho de Deus se encarna num profeta que predica, durante a dura opressão Romana, o Reino de Deus, que é completamente diferente e pode realizar-se aqui e agora se existe amor entre os homens, considerando-se irmãos por terem o mesmo Pai. O reinado definitivo de Deus é imanente e transcendente à história, como o expressa a vida e ressurreição de Jesus.*

**Abstract:** *We live in a changing world. Scientifically, we observe that in the evolution of life and man there are convergences to attractors. Two fundamental attractors guide the evolution of human mind for, mathematically, an absolute infinite (God, for us), which, for induction, allowed that its entire evolutionary information acquires a higher hierarchy: to be an infinite relative self-reflection (image and resemblance), which can know its identity, its circumstances and signification. Pulled by immediate interests the man, more culturally evolved, loses contact with God and only back to meet Him with Abraham, to form with David a great Kingdom monotheistic, between polytheistic people. David was promised that in his progeny would arise the Messiah who would establish the definitive Reign of God. The Son of God is embodied in a prophet that preaches, during the harsh Roman oppression, the Kingdom of God, which is completely different and can take place here and now whether there is love between men, considered Brothers for having the same father. The definitive reign of God is immanent and transcendent to the history as is supported by the life and resurrection of Jesus.*

## O significado do Reino de Deus à luz de uma teoria evolutiva

### Parte I: Da Emergência do Homem até Jesus

Rosendo A. Yunes\*

\* O autor é Pesquisador Senior do CNPq; Doutor Honoris causa da UNIVALI; Premio Scopus Elsevier-Capes 2009 pela relevância de sua contribuição científica à formação de recursos humanos; Medalha João David Ferreira Lima da Prefeitura Municipal de Fpolis pela sua contribuição à educação superior em Santa Catarina.



## Introdução

A reflexão sobre o Reino de Deus tem sido algo esquecida, considerando que este foi o tema fundamental da pregação de Jesus. Como se sabe, a expressão “Reino de Deus” aparece 90 vezes nas palavras de Jesus segundo os evangelhos. Portanto, não seria de extrema importância meditar e conservar este conceito em nossas vidas? O problema fundamental é: que significado tem o “Reino de Deus” para nós, Cristãos, num mundo em evolução?

Não farei esta análise no campo teológico, pois não é esta a minha área de pesquisa. Sou um cientista interessado na evolução da vida e especialmente da mente humana. Por este motivo, desejo entender a história humana e, nela, a história do cristianismo, relacionada com a vida e a pregação de Jesus. Assim, analisaremos este tema do ponto de vista antropológico, sociológico, filosófico e especialmente a partir do homem comum.

Teilhard de Chardin, jesuíta, antropólogo evolucionista, pensava que seria importante modificar a posição do foco cristão, para lhe preservar o valor iluminador<sup>1</sup>. Ele se fundamenta em algo que em certa medida resulta evidente: que **existe nas coisas, no universo, uma lógica diante da qual tudo deve ceder**. E que, num universo evolutivo, essa lógica impõe condições tais, ao ato criador, que o mal dele decorre, a título de efeito secundário, inevitavelmente. Esta é uma explicação lógica, racional, científica, do mal físico como a doença, o dor, a morte.

A criação não é um ato instantâneo, mas um processo. Para Teilhard, o ato puro é a unidade, e o nada, o múltiplo. O Criador não poderia se comunicar imediatamente com sua criatura, mas deve torná-la capaz de recebê-lo. **A criação consiste na progressiva unificação do múltiplo.**

Na evolução biológica foi demonstrado claramente por Simon C. Morris<sup>2</sup>, paleontólogo da Universidade de Cambridge, a existência de um grande número de **convergências evolutivas**. As convergências significam que existe um sentido, uma orientação na evolução, contrariando assim o pensamento de que tudo é produto da casualidade, do azar.

<sup>1</sup> “Teilhard de Chardin, Mundo, Homem e Deus” Textos selecionados por J.L. ARCHANJO, Cultrix, S. Paulo 1978).

<sup>2</sup> Simon C. Morris.



O estudo da evolução demonstra que nos vertebrados existe uma convergência para animais com cérebros maiores (em relação à massa corporal) e capacidades cognitivas similares especialmente no emprego da matemática e da lógica elementares<sup>3</sup>. Uma convergência também é observada em diferentes culturas para a construção de pirâmides como expressão de uma relação com os Deuses. Igualmente, diferentes culturas elaboraram mitos sobre a criação e o fim do mundo. Isto é produto de uma lógica interna que leva o ser humano a procurar conhecer de onde procede e para onde vai.

Esta é uma lógica interna que se faz evidente na emergência da vida, na formação do código genético (um sistema de codificação próprio de nossos tempos que, no entanto, aparece faz 3,5 bilhões de anos) e na evolução da mente humana. Segundo Kaufman<sup>4</sup>, a evolução é predominantemente um processo de auto-organização, onde a seleção natural tem uma função totalmente secundária (1 em 10, segundo ele). A convergência se observa igualmente em elementos culturais e tecnológicos, como meios de transporte, meios de comunicação etc., que são atualmente universais. Estas são forças físicas e espirituais que emergem como consequência de um processo evolutivo. Onde, então, aparece o “Reino de Deus” no processo evolutivo?

Para procurar dar uma resposta a essas perguntas, devemos examinar brevemente alguns fatos históricos.

## 1 A Emergência do Homem

A crença na vida depois da morte tem sido uma característica na evolução humana desde 100 mil anos a.C. P. Liberman<sup>5</sup> afirma que funerais de tumbas com posses pessoais significam claramente práticas religiosas relacionadas com a vida posterior à morte. Estes rituais religiosos se apresentam universalmente desde 35 mil anos a.C.

A maioria dos cientistas consideram que os conceitos de Deus ou Deuses, fundamentais à religião, como agentes que possuem algumas ca-

<sup>3</sup> YUNES, R. A. *The evolution of the human mind and logic-mathematics structures*. J. Theor. Biol (2005) 236, 95-110.

<sup>4</sup> KAUFMAN, S. *At home in the Universe. The search for the laws of self-organization and complexity*. Oxford Univ. Press, USA 1995.

<sup>5</sup> LIBERMAN, P. *Uniquely Human*, Harvard Univ. Press USA 1991.



raterísticas humanas, e outras que superam toda regra lógica, se originam em determinados “módulos” mentais como um produto colateral<sup>6</sup>.

Este é um problema fundamental para a teologia, filosofia, psicologia e outras ciências afins. Desde o ponto de vista do denominado, matematicamente, **Infinito Absoluto** (Deus), este, como analisaremos, seria um poderoso atrator que está guiando dois outros atratores da evolução da mente humana e sua emergência.

O medo de pensar que a pessoa total é produto da evolução é causado pelo fato de considerar a evolução como um mero produto da matéria na velha concepção cartesiana ou pela influência da teoria darwinista, reducionista, que considera o homem produto do azar, da casualidade. Lembremos que um dos mais destacados evolucionistas, Ernst Mayr<sup>7</sup>, escrevia, em uma das mais importantes revistas científicas do mundo, que a revolução Darwinista “...requer um novo conceito de Deus e uma nova base para a religião”...“o darwinismo realizou um lento progresso porque foi a substituição de uma inteira concepção do mundo por uma diferente. Isto envolve religião, filosofia e humanismo”. Esta revolução se transformou em um dogmatismo científico, quase uma religião, que é uma das bases da carência de sentido observada no mundo atual.

Os constituintes mais simples da matéria apresentam, em sua essência mesma, dois comportamentos: de onda e de partícula. Isto significa um comportamento informacional e um comportamento físico. A realidade informacional, aquela que pode ser descrita matematicamente, não é material e por isso pertence ao mundo espiritual. **A característica espiritual não é incorporada desde fora**, como algo externo que se mistura com a matéria, mas é uma parte constitutiva do que denominamos matéria. Esses dois aspectos evoluem conjuntamente.

A Bíblia nos ensina que o homem foi criado monisticamente. Para os hebreus, o corpo é a expressão externa da alma<sup>8</sup>. Para a Bíblia, o homem é uma unidade indivisível. Ela não ensina, como os helenistas, que o homem é composto de alma e corpo, mas que Deus deu a ele a vida. “*Então Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe*

<sup>6</sup> BURBULLA J. “*The Cognitive and Evolutionary Psychology of Religion*”, *Biology and Philosophy* 2004, 19, 655

<sup>7</sup> E. MAYR “*The nature of Darwinian revolution*” *Science* (1972) 176, 981.

<sup>8</sup> J. PEDERSEN “*Israel*” Oxford Univ. Press London 1926.



*nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente*<sup>9</sup>. Aqui devemos, brevemente, analisar a emergência da consciência, da autorreflexão humana. O que se denomina espiritual?

Os seres vivos, por serem sistemas dinâmicos complexos, evoluem, em certas condições, por processos de auto-organização, que dependem do meio ambiente e da constituição interna dos organismos. Esses processos são guiados por atratores (de atrair) que são regiões de menor energia dentro do processo. Analisando a evolução do sistema nervoso, observamos que sua função fundamental está relacionada com dois processos: 1) ganhar e guardar informações do ambiente; 2) ganhar e guardar informações do próprio organismo.

No curso da evolução dos organismos mais complexos, pode deduzir-se que esses processos respondem a dois atratores predominantes: ao denominado instinto de conhecimento por Perlovsky<sup>10</sup> e ao instinto de autonomia<sup>11</sup>. O instinto de conhecimento é descrito matematicamente como a maximização da similaridade dos conceitos e das realidades do mundo (o que se denominava “adequação do intelecto à coisa”), e o instinto de autonomia é guiado pelo princípio matemático de identidade. São dois instintos fundamentais para a sobrevivência desses seres.

O processo de individuação é um processo de unificação pela autorreflexão. O ser humano considera o sujeito de seu conhecimento (eu) e o predicado do mesmo (sou), como idênticos. Esta identidade é conseguida pela autorreflexão que é a propriedade fundamental que distingue os seres humanos dos animais. Esta autorreflexão parece envolver uma retroalimentação (feedback) instantânea, sem tempo.

Existem dois tipos de retroalimentação: a negativa e a positiva. A negativa é a base dos sistemas de controle cibernéticos. Este mecanismo permite que, em sistemas biológicos complexos, uma informação que sai do sistema volte ao mesmo para comparar, computar ou corrigir a mesma. Na retroalimentação positiva, o sinal volta para acelerar o processo realizado pelo sistema.

<sup>9</sup> Gn 2,7.

<sup>10</sup> PERLOVSKY L.I. “*Toward a Physics of the mind: concepts, emotions, consciousness, and symbols*” *Physics of Life Rev.* (2006) 3, 23-55

<sup>11</sup> YUNES R.A., “*The real sate Strange Loop: Evolution and the uniqueness of human mind. Psychological Implications*” *Syntropy* (2013) (1) 42-59



A retroalimentação negativa é a unidade básica de controle cibernético e é o fundamento da auto-organização e da vida. A retroalimentação negativa possibilita a homeostase, que conserva a estabilidade interna dos organismos frente às mudanças do ambiente. Assim, conserva estável algumas variáveis fisiológicas como pH, íons, temperatura etc. Como exemplo, podemos considerar um forno, no qual desejamos manter a temperatura em 200°C. Colocamos um aquecedor que levará a temperatura a 200°C, mas ela sobe até chegar a 201°, e então um sinal é enviado a um detector, que rapidamente desliga o aquecedor. A temperatura baixa, mas ao chegar a 199°C, um sinal enviado ao detector permite este ligar novamente o aquecedor e assim sucessivamente. Pode-se aumentar a precisão para  $199,9 < 200 < 200,1$ , mas, nunca a temperatura ficará estável em 200°C. Para isso seria necessário uma velocidade instantânea, infinita, de transmissão da informação na retroalimentação.

O cérebro humano, órgão de controle, em sua evolução realizada fundamentalmente por um processo lento, denominado de auto-organização, com o guia de um fator de atração (a seleção natural apresenta uma função totalmente secundária), apresenta esse mecanismo de controle, por retroalimentação, especialmente, por exemplo, na execução dos movimentos das mãos, entre elas e a visão. Quando procuramos pegar um lápis, existe uma contínua retroalimentação entre a mão e a visão, que a orienta, até ela conseguir seu objetivo. Assim, para atingir sua identidade (eu sei que sei), a mente humana foi lentamente aperfeiçoando esse mecanismo de retroalimentação, tornando cada vez mais breve o tempo de retroalimentação. Isto explica porque o cérebro humano apresenta muito mais associações neurais que o cérebro do chimpanzé ou outro macaco superior.

Claramente é possível observar que distintas espécies do gênero *Homo* demonstram um nível cada vez maior de aproximação a uma autorreflexão instantânea. Considerado isto na lógica do recorrente, (eu sei, que sei, que sei,...) e extrapolando ao infinito para obter sua forma própria<sup>12</sup>, chegamos a um “ponto” que é, na concepção matemática, um total, onde as partes são iguais ao todo, não têm dimensões, é um infinito relativo. Isso significa que este processo leva a mente humana a um contato com o infinito Absoluto, ou com uma propriedade do mesmo, que seria o **atrator último** de menor energia.

<sup>12</sup> KAUFFMAN L.H. *Reflexivity and eigenform: the shape of process, Constructivist Foundation* (2011) 4, 121-36.



Assim, por um mecanismo que podemos denominar de “indução da reflexão”, segundo o Princípio de Reflexão, qualquer propriedade possível de conceber do Absoluto é compartilhada por alguma entidade menor. A mente humana atinge assim uma propriedade do Infinito que é a retroalimentação instantânea, sem tempo. **É uma imagem e semelhança do Infinito Absoluto.** Emerge então, em um nível superior, dentro do mesmo processo evolutivo, um “campo informacional”, que é um infinito ligado, conectado ou aberto, para um Infinito Absoluto que é, em nossa concepção, o próprio MISTÉRIO de Deus. Esse é o campo da consciência autorreflexiva que pode agora *compreender*, ao voltar-se sobre a informação, sua significação. A informação estava no sistema, não surge de fora, existe outro nível hierárquico, a capacidade de decodificar a informação, de observar seu significado, conservando sua memória histórica<sup>13</sup>.

Observamos que é necessário um contato entre a complexa e profunda rede informacional que se organiza no cérebro humano (a mais complexa estrutura do universo) e o Absoluto, para constituir a consciência humana. Nessa visão, o homem, igualmente, apresenta dois inconscientes **ou dois egos**: um que é derivado da partícula, filogenético “réptilico”, que é egocêntrico, agressivo, de características não pessoais: **o ego do domínio**; e um ego derivado da onda (informação=sentido), filogenético, “espiritual”, que emerge, num nível superior, mais tardiamente na evolução humana, com tendência a compartilhar, à arte, à solidariedade: **o ego do amor**. Este último é o mais profundo, o mais real no ser humano. O Reino, de alguma forma, vive neste ego, atua sobre os humanos e assim está no centro da história. *Desde este ponto de vista, tudo o que na sociedade estimula o ego réptilico vai contra o Reino, ao contrário do ego espiritual.*

A teoria da existência de dois egos é sustentada pela Terceira Escola de Psicologia de Viena, fundada por **Viktor Frankl**<sup>14</sup>. Está presente na espiritualidade de Thomas Merton sobre o eu verdadeiro e o eu falso<sup>15</sup>, e na carta de São Paulo aos Romanos: – *Eu me comprazo na lei de Deus, enquanto homem interior; mas em meus membros descubro outra lei que*

<sup>13</sup> Ver como a procura da verdade leva à mesma conclusão em R. A. Yunes *Syntropy* (2013) (1) 42-59.

<sup>14</sup> FRANKL V. “*La presencia Ignorada de Dios. Psicoterapia y religión*” 3ra ed. Herder, Barcelona 1981.

<sup>15</sup> MERTON T. “*The Silent Life*” Farrar, Straus, Giroux 4ta ed. USA 1978.



*combate contra a lei que minha inteligência ratifica; ela faz de mim o prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros*<sup>16</sup>.

Na complexidade humana, esses egos funcionam juntos, não podem ser separados nem reduzidos a um só. No entanto, o domínio de um ou do outro depende de muitas circunstâncias, e sempre, o sentido final é fornecido pelo ego espiritual. Por isso, na análise dos processos sociais, muitas vezes é difícil distinguir qual é a sua orientação ou resultado.

É importante esclarecer que a analogia, expressada no **ego reptílico**, está fundamentada na teoria do neurocientista Paul MacLean sobre o cérebro com três regiões representando o processo evolutivo: o reptílico, o mamífero ou límbico, e o neo-mamífero. O reptílico corresponde às estruturas do sistema nervoso que existem nas formas de vida mais primitivas (tartarugas, cobras, crocodilo, etc). Esta parte controla funções essenciais da vida como batimento cardíaco, respiração, temperatura do corpo, entre outras. Ele também guia a conduta para determinar território (propriedade e domínio), caçar, formar hierarquias sociais, selecionar líderes em forma rígida e compulsiva<sup>17</sup>.

Em meu conceito, **a serpente do Gênesis 3,1 é uma figura que representa o ego réptilico do ser humano**, tentado a ter o poder absoluto (conhecendo o bem e o mal) e dominando o ego espiritual. A ação deste ego é permanente na evolução humana, e atualmente o conhecer significa dominar, isto é, determinar o bem e o mal. Aparentemente, o Gênesis procura mostrar o projeto de Deus em toda a história humana. **O conceito de pecado original deve ser revisto.** Na linha científica e lógica de Teilhard de Chardin, podemos falar de defeito original ou efeito colateral original: a existência de um ego réptilico necessário para a vida. Isto coincide com interpretações teológicas que consideram que o pecado original resulta de uma afirmação sobre a essência do homem: assim, o pecado de origem é o arquétipo do pecado. **O plano de salvação de Deus compreende uma cristologia de dimensões cósmicas.**

Outro dado importante existe em Gênesis 3,22, onde se lê: “*O homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal. Que ele, agora, não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma, e viva para sempre*”. Atualmente existem cientistas que trabalham em

<sup>16</sup> Rm 7, 21-24

<sup>17</sup> ALBRIGHT C.R.; ASHBROOK J.B. “Where God lives in the human brain” Sourcebooks, USA 2001.



projetos para conseguir um tempo de vida humana maior e, se possível, a imortalidade. Aubrey de Grey, chefe do SENS em Califórnia<sup>18</sup>, biomédico britânico, acredita que nas próximas décadas existirão pessoas que poderão viver 1.000 anos<sup>19</sup>.

Tais fatos demonstram a necessidade de uma relação mais profunda entre ciência e teologia. Teilhard escrevia: “*Ciência e Revelação, cada qual por seu lado, não podem subsistir funcionalmente, senão no movimento que as leva uma ao encontro da outra*”<sup>20</sup>.

O divórcio de Ciência e Religião teve graves consequências, como J. Eccles<sup>21</sup>, Prêmio Nobel de Medicina, escreve: “Gostaria de adicionar que o homem caminha sem sentido nestes dias, tendo perdido o que poderíamos denominar o sentido da condição humana. Necessita de uma nova mensagem para poder viver com esperança e sentido. Creio que a ciência tem ido demasiado longe na ruptura das crenças do homem em sua grandeza espiritual, subministrando a ideia de que é simplesmente um insignificante ser material na imensidade cósmica”.

Frankl mais corajosamente escreve: “*Não foram apenas alguns ministérios de Berlin que inventaram as câmaras de gás de Maidanek, Auschwitz, Treblinka; elas foram sendo preparadas nos escritórios e nas salas de aulas de cientistas e filósofos niilistas, entre os quais se contavam e contam alguns pensadores anglo-saxônicos laureados com o Prêmio Nobel*”<sup>22</sup>.

A revolução agrícola que lentamente substituiu as tribos de caçadores nômades iniciou entre 19 ou 17 mil anos a.C. e se consolidou faz 11 mil anos no Oriente próximo. O cavalo e a ovelha são domesticados. Há uma grande explosão demográfica e tecnológica. A religião se organiza para representar a nova realidade política e social. Dessa época são alguns panteões politeístas bem conhecidos, que incluem os deuses sumérios e egípcios. Os panteões clássicos incluem a religião na Grécia antiga e a religião Romana.

No entanto é importante indicar o trabalho realizado por W. Schmidt, que, continuando os trabalhos de Andrew Lang, desenvolveu

<sup>18</sup> The Daily Galaxy 27/03/2009.

<sup>19</sup> Daily Mail Reporter 06/07/2011.

<sup>20</sup> Strategies for Engineered Negligible Senescence.

<sup>21</sup> POPPER K. R.; ECCLES J. “*El yo y su cerebro*” Labor, España 1980.

<sup>22</sup> V. FRANKL “*Sede de sentido*” Quadrante, Brasil, 1989.



um método histórico de análise das instituições sociais e do papel dos maiores deuses em povos primitivos isolados e na etapa inicial de desenvolvimento econômico. São povos que conservaram culturas mais primitivas que as politeístas. Tribos da Austrália, África, norte da Ásia, da América do norte e da Terra do Fogo. A crença em um Ser Supremo existe em todas essas culturas<sup>23</sup>.

## 2 O Povo de Israel

Neste processo evolutivo do ser humano, em determinado momento, em Ur, na Mesopotâmia, aproximadamente 2100 a.C., Abraão, que morava numa sociedade politeísta, a qual ele combateu, escuta uma voz interior (Deus começou a revelar-se ao mundo) na qual Deus (um ser transcendente) lhe solicita mudar de lugar e ir para uma terra onde sua descendência formaria um novo povo monoteísta.

Naquele tempo governava o rei Nimrod, que tentou destruir o movimento monoteísta. Mas Abraão foi salvo. **Passar do politeísmo ao monoteísmo** significou um profundo movimento de unificação. Esse desterro permitiu aos descendentes de Abraão constituir um importante povo monoteísta.

No entanto, eram ainda grupos seminômades. Alguns desses grupos tornaram-se sedentários, especialmente os que se estabeleceram ao norte, às margens do lago da Galileia. Os do centro e sul da região tinham uma vida mais móvel e nas épocas de fome desciam para o Egito. Jacó desceu aproximadamente no ano de 1700 a.C. Os grupos que ficaram no Egito foram, com o tempo, obrigados pelos faraós a trabalhos forçados.

O mesmo Deus de Abraão inspiraria Moisés a libertar o povo da escravidão. Aqui existem dois importantes aspectos que devemos salientar:

- 1) É um Deus que se define a Moisés como “*Eu sou aquele que sou*” e continuou “... *aquele que é me enviou até vocês*”<sup>24</sup>. Deus se define como o Ser por excelência (o existente por si mesmo), significando sua preexistência absoluta sobre todos os

<sup>23</sup> J. L. GRAHAM “*Genesis and the Religion of Primitive Man*” disponível em: <[www.xenos.org/ministries/crossroads/onlinejournal/issue/](http://www.xenos.org/ministries/crossroads/onlinejournal/issue/)>.

<sup>24</sup> Ex. 3,14.



seres criados. É uma definição filosófica surpreendente, vinda de 1200 anos a.C.;

- 2) O segundo aspecto é que Deus estabelece uma aliança para a qual entrega um *decálogo* de mandamentos que não devem ser interpretados de forma deontológica, mas teleológica, ou seja, como orientação para uma sociedade ideal e como código da aliança que estabelece normas práticas para conseguir essa sociedade. O importante não era somente o monoteísmo, num mundo politeísta, mas Israel seria diferente de outros povos: o ideal era que não haveria escravos entre eles, não se abusaria dos órfãos nem das viúvas; ter-se-ia compaixão dos estrangeiros.

Entre os anos 1200 e 1000 a.C., época dos Juízes, cada tribo se organizou de forma independente, mas a vida de todas foi mais sedentária. A guerra com os filisteus estimulou os israelitas a pedir um rei, aproximadamente no ano 1020 a.C.

Nesse momento, o Reino resumia as aspirações e expectativas mais profundas do povo. Era um reino concreto, real, deste mundo, como desejavam os israelitas. Assim, no final do governo de Samuel (o último dos juízes), os israelitas pediram um rei, à semelhança de outros povos. O Profeta ficou muito triste<sup>25</sup> porque sabia que o único rei de Israel devia ser o Senhor<sup>26</sup>. Nesse pedido, os israelitas manifestaram não aceitar a realeza de Deus.

Depois, os israelitas passaram a celebrar especialmente a memória do rei que unificou as tribos pelo pedido do povo: Davi. Davi (em hebraico = amado) foi um rei popular que conquistou Jerusalém e tornou-a centro religioso dos israelitas, trazendo consigo a arca da aliança. É o nome humano mais mencionado na Bíblia (cerca de 1.000 vezes). Pela primeira vez constituiu um reino unido, poderoso, com prosperidade e justo.

A Davi, pelos profetas, foi prometido que o Messias seria seu descendente, o qual restauraria o reino paterno e estabeleceria o reinado de Deus sobre a terra. Para Isaías, o Messias instauraria o reino da justiça, da felicidade, da paz e da sabedoria<sup>27</sup>. Na oração que o povo conservava na época de Jesus, o *Qaddish*, assim se rezava: “Que seu nome seja exaltado e santificado no mundo que ele criou segundo sua vontade. **Que**

---

<sup>25</sup> 1Sm 8,5s.

<sup>26</sup> 1Sm 12,12.

<sup>27</sup> Is 11,1-9.



**seu Reino irrompa em nossa vida e em nossos dias, nos dias de toda a casa de Israel prontamente e sem demorar...”**

Assim, o Messias, Jesus, era a esperança dos velhos profetas e patriarcas e do povo de Israel. Toda a longa história de um povo estava orientada para Ele. Ele seria o Senhor da história, inauguraria o Reino de Deus no tempo dos homens.

### 3 Análise dos evangelhos

Refletir sobre o Reino de Deus é igualmente refletir sobre a missão evangélica, pois o **conteúdo central do Evangelho é: “o Reino de Deus está próximo”**<sup>28</sup>. Notar que a expressão “Reino de Deus” ocorre no Novo Testamento 122 vezes, 99 nos 3 evangelhos sinópticos e 90 vezes nos lábios próprio Jesus.

Mas, o que realmente significa o Reino de Deus? No Evangelho existem expressões como “*O Reino de Deus está dentro de vocês*” ou “entre vocês”, que parecem reduzir o Reino a uma vivência puramente subjetiva, pessoal, individual. Assim, a teologia liberal indica que no judaísmo tudo era dirigido ao coletivo, ao povo judeu, e tudo era cultural. Jesus muda essa concepção, dirigindo sua pregação para o individual e moral, e essa concepção começou a prevalecer na teologia depois de 1930.

Nos círculos da teologia católica, primeiramente se colocava a Igreja como ponto central do cristianismo, como o Reino de Deus; depois se passou para uma visão cristocêntrica e por isso se aceitaria Cristo como o ponto central de tudo; transformou-se em teocentrismo, porque assim se compreenderiam todas as religiões e finalmente chegou-se ao reinocentrismo, onde temos um reino no qual domina a paz, a justiça e o respeito pela criação. *Este seria o objetivo final da história. As religiões conservariam suas tradições, sua identidade, mas trabalhariam pela construção do Reino.*

Jesus define que Deus está em ação agora, Ele se encarnou no mundo, se revela como seu Senhor, como o Deus vivo. Assim a soberania de Deus sobre a história “transcende a história no seu todo e vai além dela; a sua dinâmica interna conduz a história para além de si mesma. Finalmente, o reino é, ao mesmo tempo, algo sempre presente”.

<sup>28</sup> Cf. Mc 1,15.



Ratzinger insiste: “O tema do ‘Reino de Deus’ penetra toda a pregação de Jesus. Só o podemos compreender a partir da totalidade de sua pregação”. Assim, fica em aberto o diálogo sobre como devemos interpretar concretamente o Reino de Deus na atualidade. Que significa para um cristão pregar o Reino de Deus? É somente procurar uma conversão interior da pessoa? É somente procurar mudar as estruturas sociais para estruturas mais humanas? Existe algum aspecto que seja o mais importante?<sup>29</sup>.

Jesus nasceu na Galileia quando Israel era um pequeno país submetido ao Império Romano desde 63 a.C., quando o general Pompeu entrara em Jerusalém. Jesus sabia que eles eram os donos da Galileia e, mais ainda, quando Herodes Antipas, vassalo de Roma, edificou uma nova cidade às margens do lago de Genesaré e chamou-a Tiberíades em honra a Tibério, Imperador de Roma. Roma dominava por meio de governantes, que em nome do Imperador controlavam os povos, às vezes de maneira brutal.

A Galileia era uma sociedade agrária. Os contemporâneos de Jesus viviam do campo. Evidentemente, a propriedade da terra era de importância vital. Os Romanos consideravam os territórios como bens de Roma e exigiam os tributos dos que trabalhavam a terra. Existiam por favor de Herodes grandes proprietários que viviam nas cidades e arrendavam suas terras aos camponeses que eram vigiados por administradores. Deviam pagar com a metade da coleta ou pesadas somas. Havia também simples diaristas que se deslocavam pelas aldeias em busca de trabalho e, assim, viviam do trabalho ocasional e da mendicância. Jesus conhecia bem esse mundo, como o confirmam suas parábolas.

Segundo Pagola<sup>30</sup>, Deus não se encarnou num sacerdote do templo, nem em um especialista da lei, mas em um Profeta do Reino de Deus. Por isso, quando Jesus diz: “*Vim atear fogo à terra*”<sup>31</sup>, pode-se interpretar que é como o resultado de seus gritos mais evidentes:

- 1) Em Mt 5,20 Jesus declara “*Se a vossa justiça não superar a dos letrados e fariseus, não entrareis no Reino dois céus*” e “*Buscai antes de tudo o reinado de Deus e sua justiça e o resto vos darão por acréscimo*”.

<sup>29</sup> RATZINGER J. “*Jesus de Nazaré*” vol 1.

<sup>30</sup> PAGOLA J. A. *Jesus. Aproximação Histórica*, Vozes, Brasil 2010.

<sup>31</sup> Lc 12,49.



- 2) Em Mt 6,19-21, Jesus define, com enorme sabedoria: “*Não acumuleis riquezas na terra, onde roem as traças e o caruncho, onde os ladrões arrombam e roubam. Acumulai riquezas no céu, pois onde está tua riqueza, aí estará teu coração... Não se pode estar ao serviço de dois senhores, pois ou se odeia um e ama o outro, ou agradara a um e desprezará o outro. Não podeis estar a serviço de Deus e do Dinheiro.*” Esta sabedoria que é de antes e de hoje, de nosso mundo, não é de Deus?
- 3) Na parábola dos diaristas da vinha<sup>32</sup>, afirma: “*Assim, serão primeiros os últimos e últimos os primeiros*”, e ainda: “*Todo aquele que quiser tornar-se grande entre vós, se faça vosso servo*”. Um bom recado para todos os que exercem algum poder, inclusive na Igreja. Esta parábola implica uma crítica duríssima às condições dos diaristas de então.
- 4) Quantos cristãos (leigos, sacerdotes, bispos) deviam meditar essas verdades. A não ser que eliminássemos, da Bíblia, a carta de Tiago e o livro do Eclesiástico. O Eclesiástico exorta a emprestar mesmo a fundo perdido e contrapõe o rico cobiçoso ao que não se perverte pela riqueza, mas é duríssimo em 34, 21-22: “*O pão dos indigentes é a vida dos pobres, e quem tira a vida dos pobres é assassino. Mata o próximo quem tira seus meios de vida, e derrama sangue quem priva o operário de seu salário*”. Isso deveria ser lembrado a alguns governos da Europa atual! Aqui entra um fator decisivo: **a justiça**. Até um filósofo pagão, Aristóteles, escrevia que **a justiça é a maior das virtudes**.
- 5) Em Mt 6,6-14, ao ensinar seus discípulos a orar, Jesus propõe: “*Pai, seja respeitada a santidade do teu nome, venha o teu reinado, cumpra-se teu desígnio na terra como no céu!*”. “Venha a nós o Teu reino” parece uma frase de simples compreensão, mas possui significados exigentes. Deus não deseja ser um rei que escravize, domine, explore seus servos. Sim, este é o reino do qual Jesus diz a Pilatos: “*Meu reino não é deste mundo*”. O problema que custa a esclarecer é a complexa relação com “este mundo”.

**A mensagem mais revolucionária de Jesus** é que somos filhos, e por isto irmãos, de um Deus trino que é fundamentalmente

<sup>32</sup> Mt 20,16.



Amor. A tomada de consciência desta verdade pelo seres humanos já significaria que “o Reino de Deus chegou”. Este anelo de felicidade, em família, com relações de amor, está presente em todo ser humano, especialmente no seu processo evolutivo, que é lento e constitui-se de diversas etapas.

- 6) Jesus era muito cuidadoso em seu diálogo com as pessoas. Entretanto, algumas vezes foi duro, como se observa em Mt 23,13: “*Ai de vós, letrados e fariseus hipócritas, que fechais aos homens o reino de Deus! Vós mesmos não entrais e não deixais entrar os que o procuram.*” Evidentemente, o comportamento dos letrados e fariseus tinha suas consequências sociais. Eles não transmitiam ao povo o real espírito da lei de Moisés. Assim, fechavam a muitos a possibilidade de entrar no Reino. De fato, conseguir certo grau de consciência é fundamental num processo evolutivo.

#### 4 O estranho Reino anunciado por Jesus

Vamos observar isto mais claramente no desenvolvimento histórico do cristianismo. A história é o início de toda interpretação, a história forma parte de nossa Fé, a investigação histórica nos oferece características certas de Jesus, o Jesus histórico nos separa do Jesus conformista criado por alguns “clichês”, como escreve Pagola: “*Esse Jesus não pode atrair, nem seduzir e nem enamorar*”. O mesmo autor observa como se pode desfocar o verdadeiro projeto de Jesus: “Com que facilidade se recorta sua mensagem mutilando sua boa notícia: por exemplo, como se pode falar e escrever tanto sobre Jesus, esquecendo **seu anúncio central** do reino de Deus?”.

Segundo Kasper<sup>33</sup>, com Niceia introduziu-se um pensamento metafísico de tipo essencialista, que deslocou o pensamento da Escritura, que é escatológico e histórico- salvífico. Por isso, o cristianismo perdeu sua dinâmica histórica e sua perspectiva de futuro. **Perdeu-se o caráter evolutivo do homem e da história.** Não se nota, por exemplo, que a matéria está constituída internamente por algo espiritual, como é a informação. **O logos** é ordem do mundo, lei moral, racionalidade. No entanto, Paulo, na sua primeira carta aos Coríntios, deixou claro que o cristianismo é uma loucura para os Gregos. **O logos Grego se opõe**

<sup>33</sup> KASPER W. *Jesus. El Cristo*, Sigueme, Salamanca 2002.



**ao logos Cristão:** o logos da cruz, força de salvação para nós. Como podiam os Gregos sequer imaginar um Deus que entrega sua vida pela nossa salvação?

A **encarnação** é o “grande milagre”, um evento completamente contrário ao esperado, e é a principal notícia do cristianismo. Este fato foi interpretado em uma forma limitada. Não tem sido observada sua importância cósmica, como consumação da evolução, tão apaixonadamente descrita por S. Paulo<sup>34</sup>: “*Sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores do parto até o presente*”. Esta encarnação pode ser explicada cientificamente assim como o conceito de transubstanciação, que segundo o conhecido físico Tipler, na moderna teoria física, poderia ser a “coerência quântica”. Isto deve ser objeto de uma aproximação de ciência e teologia.

A salvação do homem depende da vontade de Deus, que nos amou primeiro, historicamente, em seu Filho, de modo “concreto”: é um Deus na história, com o objetivo de salvar a humanidade em Cristo mediante a divinização. O importante é que Deus se orienta, em seu Filho, desde a eternidade, para o ser humano.

## 5 O Reino de Deus na história humana

Eulalio Baltazar<sup>35</sup> indica que o problema fundamental é como distinguir o Reino de Deus na história humana sem separá-lo como outra realidade (realidade metafísica diferente da realidade física), embora distinguindo esses dois processos. Para Baltazar, não podemos identificar o Reino de Deus como o crescimento do movimento humano de libertação, no sentido de fazer da história o objeto de seu próprio desenvolvimento, como um processo de auto-redenção do homem através da luta de classes. Para nós, cristãos, a salvação vem de Deus.

Resumindo: para Baltazar, **a história não é imanente** a si mesma. Ser imanente a si mesmo é ser totalmente revelado a si mesmo. Pelo contrário, a história é como uma semente que não está revelada a si mesma. Para ser imanente, deveria estar presente a si mesma com o fruto. Mas o fruto está ainda oculto nela. O mais profundo da história é o Reino

<sup>34</sup> Rm 8,19-22.

<sup>35</sup> BALTAZAR E. “*Liberation Theology and T. de Chardin*” in *Teilhard in the 21st Century. The emerging spirit of Earth*. A. Fabel, D. St. John Eds. Orbis Books, NY 2003.



de Deus, que está ainda oculto à nossa vista. O Reino está no centro da história, no coração da história, e por isso o Reino é imanente à história. Assim, o Reino, que é transcendente à história, é igualmente o mais imanente a ela. Como Cristo é o Omega da história, Cristo é imanente à história, mais imanente que a história a si mesma.

Mas, Baltazar não esclarece como o Reino está no centro da história e como atua sobre os seres humanos. Um problema é saber se a história humana e a história cristã da salvação, metafisicamente, são duas realidades diferentes, ou constituem uma mesma realidade, na qual se podem distinguir. Se fossem realidades diferentes, como se explicaria que o homem possa ser divinizado na plenitude do Reino de Deus? Como poderíamos explicar as duas naturezas de Cristo numa única realidade histórica? As duas naturezas corresponderiam a histórias diferentes? Se Deus é considerado estar fora do tempo – como na teologia clássica influenciada pela metafísica de Platão – como pode participar da história temporal?

A participação de Deus na história não significa que Ele esteja sujeito ao transitório, à contingência e à evolução. Ele é o Senhor do tempo. Ele permite seu tempo a tudo para desenvolver sua plenitude. Metaforicamente, se pensamos o mundo em evolução como uma árvore (modelo usado por Teilhard de Chardin), Deus seria o chão que é imanente à árvore, não fisicamente, mas em um sentido mais profundo, porque está presente em sua essência. Sem chão a árvore não teria vida, nem se desenvolveria.

Deus é um manto de amor que conserva o universo, mas é igualmente seu fator de atração, seu ponto final, seu ômega. Se a humanidade deve ser integral e totalmente libertada, ela deve ser totalmente histórica. A libertação-salvação de Deus através da história deve ser do homem todo e de todos os homens. Assim, são dois aspectos de uma mesma realidade como a que se observa, já claramente, no **microcosmo dos constituintes mais elementares da matéria**, que são onda e partícula.

Segundo S. Paulo, existe uma profunda continuidade entre nossa vida presente e nossa vida futura junto a Deus. Ele explica esse fato com o modelo da semente que apresenta um processo em duas etapas: uma primeira etapa de morte, de queda, para dar lugar a uma segunda etapa de germinação, de vida nova. Da mesma forma, nosso corpo morre, para ressuscitar com um corpo glorificado, transformado<sup>36</sup>.

<sup>36</sup> 1Cor 15,34-44.



**A ressurreição dá suporte para esta afirmação.** Em 1 Cor 15,16-17, S. Paulo afirma: *“Pois, se os mortos não ressuscitam, tampouco Cristo ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, vossa fé é ilusória”*. Igualmente em Ef 1,10, S. Paulo escreve: *“Deus... fez-nos conhecer o mistério de sua vontade, a livre decisão que havia tomado outrora de levar a história à sua plenitude, recapitulando (reunindo) o universo inteiro, tanto as coisas celestes como as terrestres, sob uma só cabeça, Cristo”*. Ele também escreve que, quando Cristo voltar, a seguir virá o fim, quando Ele entregar o Reino a Deus Pai e acabar com todo principado, autoridade e poder. O último inimigo a ser destruído é **a morte, o mal físico, consequência da criação evolutiva.**

*E-mail do Autor:*

ryunes@msn.com